

Como o Brasil acumulou a sua dívida

por Neil Ulman
do The Wall Street Journal

Com 6,4 quilômetros de comprimento e quase 200 metros de altura, a maior hidrelétrica do mundo localiza-se no rio Paraná. E no meio da floresta amazônica está o maior projeto de minério de ferro do mundo, um corte na serra dos Carajás, ligado por uma nova ferrovia de 800 quilômetros.

A mina com ferrovia custou US\$ 4,5 bilhões e a barragem, US\$ 18 bilhões (divididos com o Paraguai). Ambos os projetos, e muitos outros empreendimentos grandiosos, foram financiados em grande parte por empréstimos estrangeiros.

Os cidadãos de algumas outras nações latino-americanas com as maiores dívidas estrangeiras poderão perguntar para onde foi todo o dinheiro, mas os brasileiros pelo menos vêem ao seu redor os frutos de seu festim de empréstimos de US\$ 90 bilhões.

Os brasileiros agora especulam se algum dia aquelas barragens, poços de petróleo, usinas siderúrgicas, fundições de alumínio, usinas nucleares, portos e outros projetos faraônicos compensarão a austeridade nacional que agora amargam.

MODELO

Durante toda a década de 70, os bancos internacionais citaram o Brasil como o modelo de uma economia em desenvolvimento cuidadosamente planejada e administrada. Agora, o País está lutando para pagar US\$ 11,2 bilhões de juros neste ano e prevendo outra rodada de empréstimos em 1985 para manter a economia acima da água.

O que aconteceu? A resposta parece ser que os planejadores brasileiros, animados por sucessos anteriores, iniciaram projetos ainda mais ambiciosos, confiantes de que poderiam pagá-los.

O arquiteto-chefe desses programas foi Antônio Delfim Netto, anteriormente considerado o herói do "milagre" brasileiro. Mas as recentes pesquisas de opinião mostram que os brasileiros, sob o peso do programa de austeridade, ago-

ra classificam Delfim Netto como o homem mais impopular no País.

Quando ele e seus "assessores gênios" chegaram em Brasília em 1967, o Brasil estava em recessão, com alto índice de desemprego e grande parte da capacidade industrial do País em ociosidade. O ministro da Fazenda, Delfim Netto, e sua equipe criaram um programa estimulador que dependia de amplos empréstimos estrangeiros, grande apoio governamental às exportações e incentivo da poupança.

EXPANSÃO INICIAL

O esquema funcionou. Produziu um período de expansão anual de 10%, enquanto mantinha a inflação em baixos níveis (para o Brasil) de 20% (a inflação foi de cerca de 230% durante os últimos doze meses). Somente o Japão, entre as grandes nações, apresentava índices de crescimento comparáveis. Bilhões de dólares foram injetados na busca de petróleo brasileiro e parte desse investimento compensou. A produção petrolífera doméstica deverá atingir 500 mil barris por dia neste ano, representando metade do consumo nacional. Em 1980, a produção foi inferior a 200 mil barris por dia.

Os executivos brasileiros preocupados pressionaram Delfim Netto a adotar alguma ação sobre o problema. "O que querem que eu faça, declarar a guerra aos Estados Unidos?", perguntou Delfim Netto a um grupo de empresários no Rio de Janeiro. "Penso que o resultado seria duvidoso."

Segundo Ernane Galvêas, o atual ministro da Fazenda, cerca de dois terços da dívida brasileira têm seus juros baseados em taxas vinculadas a mudanças da "prime rate" norte-americana ou da taxa interbancária de Londres, hoje de 12%.

As autoridades econômicas do Brasil estão pedindo aos banqueiros que as apoiem até que a recuperação produza receita cambial suficiente para pagar a dívida. "Possuímos tremenda capacidade para crescimento", disse Delfim Netto, atual ministro do Planejamento e czar econômico.

Enquanto isso, Delfim afirma que a política do Brasil será renegociar sua antiga dívida com termos mais fáceis. Para não afundar, insiste ele, o Brasil "precisa ter crédito com termos que nos permitam pagar".

As crises petrolíferas de 1974 e 1979, com a recessão e a queda dos preços de commodities resultantes abalaram o Brasil como qualquer outro país. O Brasil reagiu inicialmente com mais otimismo do que a

maioria; sua resposta depois de 1974 foi aumentar os empréstimos para reativar outra vez a economia. E no começo isso parecia funcionar.

O Brasil "presumia que o mundo crescerá a uma taxa muito elevada", disse Olavo Setúbal, presidente do Banco Itaú, o segundo maior banco privado brasileiro. Na sua opinião, os grandes projetos tinham sentido, considerando as elevadas projeções de expansão.

Mesmo quando a crise petrolífera de 1979 chegou, os planejadores brasileiros permaneceram otimistas. Mas quando o Federal Reserve norte-americano começou a elevar as taxas de juros em dólar para conter a inflação e o colapso dos preços das commodities que afetou as principais exportações brasileiras de açúcar, café e ferro, a recessão industrial no mundo, induzida pelas altas taxas de juros, diminuiu a demanda de produtos do setor

industrial crescente do Brasil. Os empregos foram afetados.

PROTECIONISMO

As autoridades brasileiras queixam-se de que as barreiras protecionistas levantadas contra suas exportações forçaram o País a uma dívida maior. O presidente João Figueiredo chegou a levar essa queixa à ONU em um discurso em 1982, pedindo a cooperação internacional para ajudar as nações devedoras a honrar seus pagamentos.